

CONTRAPALAVRAS DO LEITOR EM LIVROS DE ESTUDOS: LEITURAS À MARGEM*“ARGUE-WORDS” OF READER AT BOOK OF STUDIES: READING TO MARGINS*Sandra Guilherme Dias dos Santos¹

RESUMO: O presente trabalho é decorrente de uma pesquisa mais ampla que está vinculada à Linha de Pesquisa Linguagem e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Neste artigo objetivamos compreender as atitudes responsivas (contrapalavras) que emergem das anotações deixadas, às margens ou não, em livros de estudos dos cursos de Letras e Pedagogia como uma contribuição às pesquisas que tentam recompor a história do leitor. A questão que instigou o estudo foi: Que atitudes responsivas emergem das anotações deixadas por leitores às margens dos livros de estudos? Caracteriza-se como uma investigação qualitativa interpretativa realizada com base em dados obtidos por meio da recolha de livros de estudos emprestados aos acadêmicos dos cursos anteriormente mencionados. Embasa-se em pressupostos teóricos que constituem a história do livro e do leitor sob a perspectiva da História Cultural. A análise das anotações foi feita sob a perspectiva enunciativa baseada nos estudos do Círculo de Bakhtin. Essa análise permite depreender que o leitor universitário produz majoritariamente atitudes responsivas na superfície textual, principalmente de paráfrase. Compreende-se, com base nessa constatação, que é possível contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita por meio do incentivo à produção de anotações, iniciando pela paráfrase, prática muito comum do estudante universitário. Nesse sentido, ao perseguir, portanto, as táticas de leitura do leitor acadêmico, sem conseguir alcançá-lo em suas diversas formas de produzir contrapalavras, tenta-se ampliar os estudos que tratam das múltiplas facetas que compõem a história do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: História do leitor. Leitor. Anotações. Atitudes responsivas.

ABSTRACT: *The present work is the result of a more extensive research that is linked to the Line of Research Language and Education of the Graduate Program in Education/Master's Degree in Education at Universidade Regional de Blumenau (FURB). In this article we aim to understand the attitudes responsive (“argue-words”) that emerge from the notes left at the margins or not, in books of studies of courses of Letters and Pedagogy as a contribution to the research that attempt to recover the history of the reader. The question that prompted the study was: What attitudes responsive emerge from notes left by readers on the margins of the books of studies? It is characterized as a qualitative research interpretative performed based on data obtained through the collection of books of studies borrowed to the academics of the courses mentioned above. Bases on theoretical assumptions that constitute the history of the book and the reader from the perspective of Cultural History. The analysis of the comments was made under the enunciative perspective based on Bakhtin Circle Studies. This analysis allows us to conclude that the University reader produces mostly responsive attitudes on textual surface, mainly of paraphrase. It is understandable, based on this observation, that is possible to contribute to the development of reading and writing skills through encouraging to production of annotations, starting by paraphrasing, very common practice of university student. In this sense, chasing, therefore, the tactics of the reader read academic, without achieve it in its various forms to produce “argue-words” attempts to expand the studies that address multiple facets that make up the reader story.*

KEYWORDS: *The reader story. Reader. Annotations. Responsive attitudes.*

1 Mestre em Educação (FURB). Email: guilsa10@unifebe.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A história do leitor é muito dinâmica e já passou por diversas facetas. A prática leitora, ou seja, a faceta que mais nos interessa neste dado momento, é quando o leitor se sente livre diante do texto e extrapola todas as éticas impostas a ele (não anotar, rabiscar, pintar... o livro público) e subvertendo-as, anota à margem, ou não, do livro. É este o sujeito de nosso estudo, um leitor anotador, que ultrapassa as barreiras do “proibido” e anota o produto de sua leitura no livro público. E essas anotações são denominadas de *atitudes responsivas*, termo bakhtiniano que denomina a possibilidade de resposta ao enunciado do outro e que acontece por meio da alternância de sujeitos. Em relação a elas, Bakhtin (1997a, p. 271) acrescenta: “[...] o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude “responsiva ativa”: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc.”. Ou seja, o ouvinte neste artigo, é o leitor que concorda, discorda, refuta, completa, enfim, produz inúmeros outros enunciados respondentes.

Diante disso, a questão que se levanta é: o que o leitor, investigado neste trabalho, tem anotado às margens dos livros de estudos? Que sentidos têm essas contrapalavras do leitor? Contrapalavras, aqui, assume o sentido dado por Bakhtin (1997b), que diz que a compreensão é definida como um movimento dialógico. Afinal, “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. Compreender é replicar, é contrapalavrear. [...] qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo; deve conter já o germe de uma resposta (BAKHTIN, 1997b, p.131). Assim, as atitudes do leitor anotador são respostas de sua forma de compreensão materializadas por meio de anotações às margens do livro ou não.

Neste artigo apresentamos dados sobre um tipo de contrapalavra que se manifestou nas anotações deixadas por leitores em livros públicos de uma biblioteca universitária. A pesquisa interpretativa sob o viés do Círculo de Bakhtin (1997 a), levando-se em conta os estudos realizados, permitiu-nos compreender que o leitor produz gritos silenciosos por meio de suas contrapalavras e suas inquietações na qualidade de leitores em formação, e não está, como suas anotações, à margem do texto. Dessa forma, iniciamos com o percurso do leitor através do tempo que possibilita acompanhar as posições de leitura que varia de acordo com a época, o ambiente, o objetivo da leitura e o papel do leitor diante do livro. Apresentamos também as marcas de leitura no decorrer da história que permitem um encontro com o leitor e discutimos o papel do sujeito leitor que com suas contrapalavras tenta ingressar em uma comunidade discursiva. Juntamente a discussão teórica, trazemos para a análise dois enunciados retirados de livros de estudos que foram emprestados por uma biblioteca universitária aos acadêmicos do curso de Letras e Pedagogia, em que buscamos compreender que tipos de contrapalavras emergem desses enunciados e que sentidos possuem. Por fim, as considerações finais, bem como as contribuições que nosso estudo proporciona para o desenvolvimento das habilidades leitoras.

2 ALGUMAS CONTRAPALAVRAS SOBRE O LEITOR E SUA TRAJETÓRIA

Segundo o historiador Chartier (1998), a cada época se tem um tipo de leitor, assim como existem também práticas de leituras diferenciadas que vão surgindo a cada tempo. A leitura é uma prática cultural, social e historicamente construída, por isso ela nem sempre foi o que é para nós hoje, dessa forma comungamos com o estudioso quando diz que: “Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor[...] *Os gestos mudam segundo os tempos e os lugares, os objetos lidos e as razões de leitura.* (p. 77, grifo nosso). Assim, a prática de leitura do leitor anotador investigado é específica levando-se em conta a época e o lugar, bem como o objetivo com que se lê.

O leitor, ainda para Chartier, é alguém que sempre está entre limitações e liberdade, e o mesmo tempo vive a dualidade limitação/liberdade. Compreendemos que o leitor de nossa pesquisa

é alguém que está entre limitações quando está preso a uma área do conhecimento, a uma disciplina específica. Sua leitura se atém a uma obrigatoriedade acerca da busca do conhecimento que faz parte de um contexto específico conforme a área de estudo. Ao mesmo tempo atua na liberdade, pois está livre para anotar e ainda livre para escolher que tipo de anotação fará na margem do livro.

No decorrer da história, variadas formas de leitura foram surgindo, como a leitura vocalizada que era uma forma regular de sociabilidade, A leitura vocalizada alimentava o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco ou o encontro casual. Para passar o tempo, ler em voz alta era uma forma de socialibilidade compartilhada e muito comum que perdurou durante muito tempo. O leitor dessa época se configurava como um leitor, ou seja, tinha de dominar o código, ler corretamente e pausadamente para que seus ouvintes pudessem entender.

Na época moderna, a leitura em voz alta era muito mais presente dentro da sociedade. Hoje, a leitura vocalizada tem a conotação, em muitos casos, de demonstrar domínio de determinado conhecimento ou mostrar intelectualidade, como palestras, discursos ou aulas expositivas. O nosso leitor, o anotador, experiencia as duas formas de leitura: quando lê para se tornar um intelectual na instância privada, que são suas leituras silenciosas, e em voz alta em público para demonstrar sua intelectualidade adquirida.

Conforme Manguel (1997), no século IX, é provável que a leitura silenciosa tenha começado a substituir a leitura oral e o leitor se torna mais livre com a leitura silenciosa. Enquanto lê com os olhos os pensamentos estão soltos, a leitura se torna privada e o texto protegido de estranhos por capas. O conteúdo da leitura tornava-se posse do leitor, um conhecimento íntimo, seja no mercado, em casa ou na azáfama do *scriptorium*. Ou seja, a leitura silenciosa permitiu um relacionamento com a escrita de forma mais livre, mais íntima, mais reservada. Ela é ambígua e mista porque o leitor a faz tanto no coletivo, como na biblioteca, por exemplo, mas ao mesmo tempo é privada, visto que o leitor se isola com o livro dando a entender que está ocupado.

Chartier (1998) afirma que a cada contato com o livro acontecerá um novo encontro com o leitor, pois os leitores mudam assim como também os livros terão outros sentidos para cada tempo, porque um livro pode suscitar distintos significados para diferentes leitores e em diferentes tempos e lugares. Segundo Manguel (1997, p. 201), quando o leitor se encontra com o texto ocorre uma ligação profunda: “Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa: cria-se uma metáfora para a infinitude da leitura. Somos o que lemos”.

Essa apropriação do texto que é do outro resulta em uma produção de sentidos própria de cada leitor que ocorre no processo de interação entre leitor e livro, uma relação entre um sujeito-leitor real, que possui uma história, situado num tempo e que interage com um material concreto de leitura. Essa interação é tão marcante que o leitor se apropria do conhecimento e alguns deixam marcas no impresso, marcas de uma posse temporária ou duradora. Deste contato do leitor com o livro alguns sinais fixados no objeto-livro revelam suas práticas culturais, bem como suas características. Grifos no texto, intervenções escritas nas páginas ou nas margens, ação de colorir ilustrações, sinais marcadores de pausas ou páginas dobradas, sinais gráficos entre tantos, são evidências da relação estabelecida entre leitor e livro no momento da leitura.

O uso que o leitor faz do livro e a maneira como o manipula, segundo Ribeiro (2004) estão relacionados com a função da leitura realizada (lazer, pesquisa, estudo entre tantas outras funções), pelo envolvimento particular com o livro e pelo valor sentimental da obra lida. Com a obra adquirida poderá o leitor se sentir mais à vontade para grifar, marcar, dobrar as páginas para encontrar partes com mais facilidade. Quando assim age encontramos as pegadas dos leitores ativos, que é a relação entre o leitor e o texto mediados pelas contrapalavras às margens do livro, numa demonstração clara de interlocução e de interação pela escrita.

2.1 CONTRAPALAVRAS: LEITURA À MARGEM

Há vários historiadores que há alguns anos vem estudando com paixão as anotações, chamadas de notas marginais por Chartier (2005), que leitores registram nos espaços em branco

dos livros que leem, como exemplo, podemos citar as notas marginais de Voltaire nos seus livros particulares. As notas marginais representam um dos caminhos que permitem encontros com os leitores. Para Chartier (2005):

[...] escrever uma anotação marginal é sempre escrever uma anotação marginal – mas a significação é profundamente construída a partir do contexto cultural e não se poderia comparar as anotações marginais de um leitor do princípio do século XX com as anotações marginais de um humanista do século XVI”. (p. 88/89).

O mesmo não se pode dizer das notas marginais do leitor do século XVI nem compará-las com as anotações de um leitor do século XXI, e mais especificamente com as contrapalavras do acadêmico em tese, o contexto histórico cultural e social são outros. Mas, mesmo diante de algumas diferenças, eles têm algo em comum, independentemente do tempo e do espaço: eles continuam anotando.

A introdução de espaços em branco, abertura para escritura no livro é, segundo o historiador Chartier, coisa que já foi pensada e inventada desde os séculos XVI e XVII, quando os almanaques ingleses, gênero popular, intercalavam folhas brancas dentro do texto como se o almanaque se transformasse num diário convidando o leitor a anotar.

Mas com o passar do tempo ocorreram mudanças. Com a invenção da prensa mecânica por Gutemberg, por volta de 1450, conforme Chartier (1999), não foi mais possível ao leitor interferir e alterar o texto já impresso, porém a possibilidade que o formato do códex oferece ao leitor de ler e escrever ao mesmo tempo permite-o fazer anotações às margens do livro, mesmo que clandestinamente. É assim que age o leitor anotador de nossa investigação: clandestinamente ele anota suas contrapalavras às margens do livro de estudo, burlando a ideologia oficial da biblioteca, que enfoca o cuidado com o livro público, e usa a sua ideologia de usuário como se fosse um código do leitor estudante.

Segundo a ética do leitor, de acordo com Bezerra (2006), o usuário de biblioteca que manipula livros emprestados dela, ou de outro leitor, deverá fazer anotações em caderno ou bloco separado para não danificar o objeto, mas se o livro é de propriedade do leitor poderá se sentir à vontade para grifar, marcar, anotar ou dobrar as orelhas.

Esse leitor, que deixa pistas de sua maneira de ler, o faz em primeira instância para si mesmo e não para outro leitor e suas anotações têm diversas finalidades dependendo da especificidade e da singularidade de cada um. Nosso sujeito-leitor-anotador é acadêmico do curso de Letras e Pedagogia, que lê livros teóricos com objetivo bastante específico: buscar conhecimentos científicos. Este leitor lê estudando para adquirir conhecimento. As finalidades de sua leitura podem ser inúmeras, desde produzir um texto, fazer uma avaliação, preparar uma aula, pesquisar, fazer um fichamento, produzir uma resenha, estudar, enfim, cada leitor graduando tem um fim distinto quando lê.

Temos um leitor que busca fazer parte de uma comunidade discursiva, que é uma comunidade de leitores que lê com o intuito de estudar. Esse sujeito é singular, pois deixa rastros de sua maneira de ler e nosso gesto interpretativo diante dessa prática leitora nos leva a depreender que o acadêmico, para inserir-se nessa comunidade discursiva, deseja mostrar por escrito suas contrapalavras diante da leitura de textos teóricos que lhe são propostos pela universidade.

As anotações que o acadêmico faz nos espaços em branco da página do livro, as notas marginais (CHARTIER, 2005) podem ser interpretadas também como estratégias adotadas pelo leitor na apropriação do conhecimento. A leitura feita com o objetivo de estudar passa necessariamente pelo registro, pois segundo Rojo (2004), ninguém memoriza na íntegra um texto fielmente, é preciso (re)escrevê-lo para que se aproprie do assunto e construa novos conhecimentos, caso contrário, pouca informação será armazenada na memória e, bem como pouca apropriação de conhecimentos. São essas anotações que iremos analisar no próximo capítulo, notas que denominamos de paráfrase, uma forma bem comum no meio universitário quando queremos nos apropriar das palavras do outro.

2.2 SENTIDOS ÀS CONTRAPALAVRAS À MARGEM

Nesta seção trazemos para discussão um dado referente a um tipo de anotação muito comum encontrado em nossa pesquisa de Mestrado em Educação. Os dados foram obtidos por meio da recolha de livros de estudos que foram emprestados por uma biblioteca universitária aos estudantes regularmente matriculados nos cursos de Letras e Pedagogia no ano de 2009. As páginas que continham as contrapalavras do leitor foram xerocadas e escaneadas para compor o *corpus*. Para melhor identificação da materialidade linguística de nossa investigação, as contrapalavras serão identificadas como figuras e para este artigo decidimos analisar duas figuras.

Ao escutar e analisar atentamente, em um primeiro momento, o *corpus* de nossa pesquisa, percebemos que os dados apontam uma regularidade: a recorrência de contrapalavras que denotam sentido de paráfrase. E é esse tipo de contrapalavra que receberá neste artigo, nossos gestos interpretativos.

Estamos compreendendo anotação como paráfrase quando esta tem como característica a reescrita do texto de forma explicativa por meio das próprias palavras do leitor em que há a conservação das ideias do texto original.

A primeira figura que contém anotação, que compreendemos ser paráfrase, foi retirada do livro **Ortografia: ensinar e aprender** (Referência completa vide Bibliografia). O assunto abordado na página refere-se à elaboração de regras feitas no coletivo pelos próprios alunos, de modo que eles entendam o conteúdo (que apresenta “regras” gramaticais, por exemplo) mais facilmente. O leitor, nesse contexto, anotou parafraseando: *Os alunos devem elaborar regras que eles possam entender mais facilmente*. Percebemos uma proximidade entre as palavras do texto e as do leitor em que a anotação do acadêmico sinaliza a utilização de duas modalidades básicas escolares de transmissão que assimila o discurso de outrem, conforme salienta Bakhtin (1987 a). Ou o faz de cor ou com suas próprias palavras, ou seja, ou o leitor assimila o discurso de outrem (texto), decorando partes do texto que, possivelmente, pode esquecer logo, ou pode assimilar o conteúdo, internalizando-o por meio de suas palavras. Ao escrever com suas próprias palavras, o leitor já está em processo de interiorização e apropriação do conteúdo que se dá pelo processo de construção da réplica, assim, a anotação do leitor “conversa” com o texto do autor e retoma o tema havendo um diálogo entre o texto e o leitor. Na construção dessas réplicas, o leitor faz emergir uma série de palavras suas que se juntaram com as da consciência com as do texto formando novos enunciados, configurando-se, assim, em novos conhecimentos.

Figura 1: Anotação como paráfrase

Os alunos devem elaborar regras que eles possam entender mais facilmente

escrevemos certas correspondências letra-som). Ao "materializar" suas conclusões no caderno e num "quadro de regras" coletivo, os alunos podem mais facilmente "voltar ao que pensaram", reanalisar e reelaborar seus conhecimentos.

Volto a lembrar que regras não são "ladainhas prontas", com um formato único ou que necessariamente envolvam um linguajar sofisticado. Pelo contrário, embora o trabalho de registro e discussão permita a reelaboração (aprimoramento) das regras descobertas, o que nos interessa é estimular a variedade das formas como cada grupo de crianças as explicita verbalmente. As figuras 7.5. e 7.6. trazem exemplos de algumas das regras elaboradas por duplas de alunos de uma 3ª série, enquanto refletiam sistematicamente sobre o emprego regular do S inicial e do J (junto às vogais A, O e U).

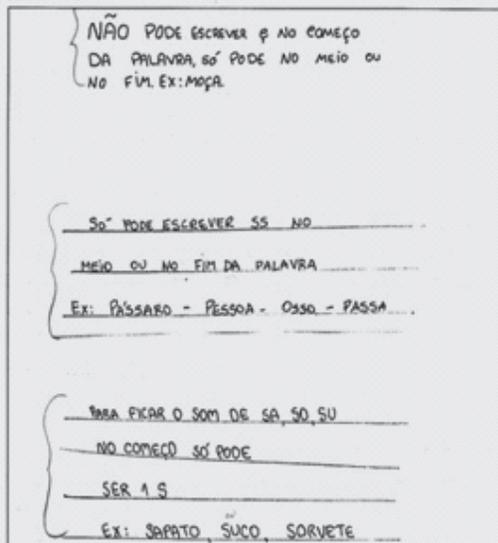


Figura 7.5. Exemplos de regras elaboradas pelas crianças sobre o emprego do S no início das palavras.

Fonte: Moraes (2000, p. 104)

A anotação traz uma locução verbal prescritiva: devem elaborar. Por que em um livro de estudos aparecem essas prescrições? Entendemos que o leitor marca seu posicionamento em relação à elaboração de regras na escola por meio de uma modalização pragmática. Para Bronckart

(2003), as modalizações têm como objetivo geral a tradução, a partir de qualquer voz enunciativa, comentários ou avaliações formuladas a respeito de algum elemento do conteúdo temático, ou seja, os modalizadores são marcas deixadas pelo sujeito em seu discurso. Para o pesquisador, “[...] as modalizações pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático” (BRONCKART, 2003, p. 330). Ou seja, os modalizadores funcionam como mecanismos enunciativos que gerenciam as opiniões ou julgamentos das instâncias enunciativas.

Os alunos devem elaborar regras que eles possam entender mais facilmente, contém, além de modalizador pragmático, o advérbio de modo, *facilmente*, que aparece tanto no texto quanto na anotação. No enunciado o advérbio *facilmente* qualifica a locução verbal *possam entender*. Neste caso, o advérbio *facilmente* funciona, para Neves (2011), como adjetivo qualificador, que, anteposto pelo advérbio *mais* recebe uma maior intensificação em relação à qualificação do entender. O uso do adjetivo qualificador parece reforçar o posicionamento do leitor de que as regras elaboradas pelos próprios alunos têm realmente a finalidade de facilitar a aprendizagem do conteúdo para os mesmos.

Nessas anotações, o leitor por meio do processo dialógico com o texto via autor, acabou trazendo as palavras do outro para seus registros. Para Bakhtin (1997b, p. 131-132):

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo.

A anotação, em tese, sugere rastros desse diálogo e há a tentativa de compreensão da enunciação do autor com a reprodução de algumas de suas palavras mas com uma série de palavras do leitor que as traz para a anotação. Esse gesto nos remete ao discurso interior citado por Bakhtin (1997b), que, na junção das palavras internas da consciência com as externas se efetua a apreensão da enunciação de outrem, bem como a compreensão que resulta nas contrapalavras do leitor. Estas, entendidas aqui, como *atitudes responsivas* do leitor, que podem ser de concordâncias, desacordos, compartilhamento da leitura com o outro, negação ou afirmação sobre o assunto, questionamento, estranheza, silenciamento, ausência de opinião, complementação do tema, adaptação do assunto a sua realidade de interesse, não entendimento do assunto, entre inúmeras outras atitudes.

Dessa forma, a réplica é uma das formas de como o conhecimento vai sendo apropriado pelo leitor que anota o que lhe é significativo em uma dada instância discursiva, em um dado contexto sócio-histórico. Utilizando a paráfrase, o leitor por meio de contrapalavras constrói suas significações, conforme salienta Bakhtin (1997b, p. 132): “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”.

Na anotação em análise, o leitor elege apenas uma expressão do texto original para trazê-la para a anotação: *mais facilmente*. Há, então, algumas aproximações e distinções entre a paráfrase e a síntese. Enquanto nesta, o leitor elege especificamente apenas palavras do texto para trazê-las para a anotação, a paráfrase sinaliza para uma maior autonomia do leitor diante do texto, trazendo para a anotação suas próprias palavras em maior número.

A figura, ainda possui como anotação, um trecho grifado em que há menção a alguns exemplos de regras elaboradas por alunos da 3ª série. Logo abaixo desses dizeres, a página traz três exemplos que são marcados por uma chave a cada exemplo. O leitor acadêmico reforça suas marcas quando usa duas formas diferentes para anotar, que em nossa compreensão, sinaliza para um grau de importância elevado, e além disso, parece que o leitor ao fazer uma conexão entre a anotação que está no cabeçalho da página e as que seguem logo mais abaixo, quer confirmar/ reforçar a anotação

pelos exemplos citados, como se escrevesse a si mesmo querendo dizer: realmente eles entenderão mais facilmente as regras, se elaboradas por eles mesmos, os alunos. Assim, depreendemos que o leitor está em um processo de construção da compreensão e sinaliza para uma necessidade de reescrever o texto lido como estratégia ou forma própria de apropriar-se das palavras do outro que trazem o conhecimento teórico.

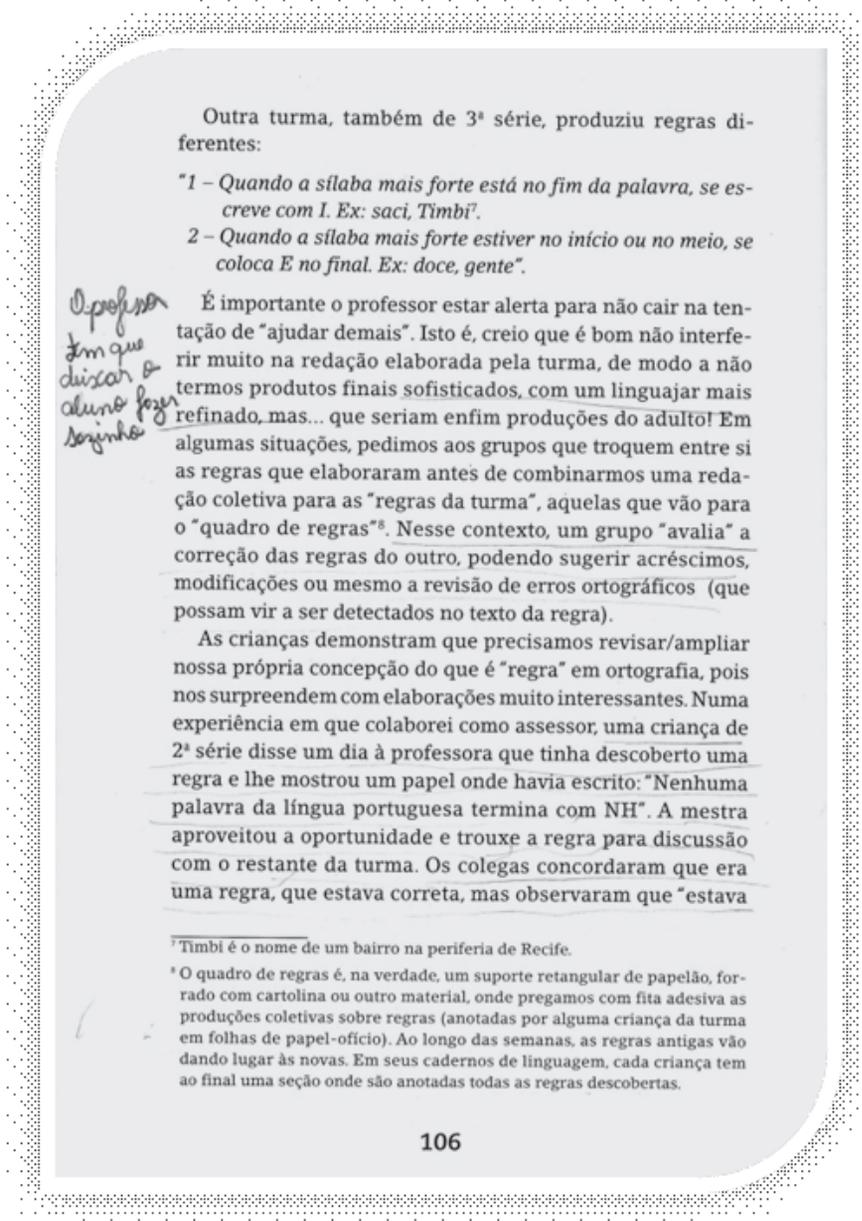
A segunda figura, coincidentemente, também pertencente ao livro **Ortografia: ensinar e aprender**, aparece à esquerda do texto, a anotação *O professor tem que deixar o aluno fazer sozinho* e três trechos grifados. O enunciado registrado por meio de palavras refere-se ao contexto da página 106 (sequência do assunto da figura três, anteriormente analisada) que aborda a questão de os alunos elaborarem regras gramaticais para si mesmos. As contrapalavras do leitor na anotação *O professor tem que deixar o aluno fazer sozinho* sinalizam para uma prescrição, pela expressão *tem que*, denotando que essa deve ser a postura do professor para que as regras não fiquem com linguajar refinado, e sim com a linguagem do aluno, tendo pouca interferência do professor na redação das regras.

A anotação acima mencionada, em forma de paráfrase, tem como base as palavras do outro, as do autor, nos remetem ao conceito de enunciado de Bakhtin (1997 a, p. 276), que diz que “[...] antes de iniciar, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros”, ou seja, a contrapalavra do anotador é uma resposta a outros enunciados que se constitui como uma compreensão ativa não muda. Há, então, uma alternância de sujeitos, em que um dirige a palavra ao outro e o outro responde. O acadêmico então produz uma resposta em forma de paráfrase, que para Medeiros (2006) é uma forma de traduzir um texto complexo em uma linguagem mais acessível quando o texto original contém informações muito complexas.

A alternância dos sujeitos nos leva ao campo da palavra, pois Bakhtin (1997 b, p. 113) afirma que “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte”. Em nossa pesquisa a palavra procede do autor e/ou texto e se dirige ao leitor que produz atitudes, produto da interação entre autor e leitor, atitudes estas que se materializam por meio de anotações, estas por sua vez, são cheias de ecos e enunciados alheios, como na anotação *O professor tem que deixar o aluno fazer sozinho*, em que há palavras do texto, possivelmente palavras dos professores, palavras dos colegas de sala, palavras de outros textos lidos ou ouvidos pelo acadêmico.

Bakhtin (1987a, p. 289) argumenta que “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal”. Nesse contexto da anotação, o leitor produziu o enunciado *O professor tem que deixar o aluno fazer sozinho* porque estava inserido na corrente da comunicação verbal, uma vez que todo enunciado é um elo na cadeia dos enunciados já ditos. Assim, o enunciado acima está ligado aos anteriores que tem como pano de fundo os enunciados do texto lido e reforçados pelos grifos de determinados trechos da página.

Figura 2: Anotação como paráfrase



Fonte: Morais (2000, p. 106)

Nesta seção trouxemos as contrapalavras do leitor anotador em forma de *atitudes responsivas* que se fizeram por meio da paráfrase. Além das anotações que denotam paráfrase, há também outros tipos de notas, como grifos (sublinhados), que se configuram como síntese. Dessa forma, aparecem no contexto das figuras analisadas acima, dois tipos de atitudes: a paráfrase, materializada por meio de notas e a síntese, por meio dos grifos.

Essas anotações apontam, em nossa forma de compreender, não só uma prática leitora, mas uma forma específica e singular do leitor acadêmico se fazer presente no livro como alguém que tenta fazer parte de uma comunidade discursiva, alguém que lê com o objetivo de estudar para aprender e lança mão dos vários recursos existentes para facilitar a compreensão das teorias. E a reescrita do texto em forma explicativa por meio das suas próprias palavras é uma das formas de estudar bastante comuns entre os leitores estudantes.

Diante desse panorama de anotações, percebemos que o leitor universitário produz *atitudes responsivas*, ou seja, contrapalavras na superfície textual, havendo pouca imersão textual, o que denota um leitor em formação que está em busca do conhecimento científico que chega por meio de anotações como paráfrase.

3 CONSIDERAÇÕES: CONTRAPALAVRAS AFINAIS...

Este trabalho teve o intuito de investigar um tipo de contrapalavras (Bakhtin, 1997 a), que emerge das notas marginais deixadas por leitores em livros de estudos como uma contribuição às pesquisas que tentam recompor a história do leitor. Com base nessa reflexão feita pela soma de inúmeros eus esperamos que possa ser útil para futuras investigações ou a continuidade desta acerca deste leitor tão singular como o nosso anotador.

Esta investigação nos propiciou desvelar por meio do *corpus* coletado um tipo de regularidade. Contrapalavras que denotam paráfrase formada a partir de reescrituras do texto do outro de forma explicativa por meio das próprias palavras do leitor em que há a conservação das ideias do texto original, ou seja, as contrapalavras apresentam como regularidade o “Discurso” de outrem como resposta do leitor diante do que lê.

Essa atitude nos leva a depreender que esse leitor está preso ao texto, o que denota uma repetição quase literal de palavras do texto, o que torna sua leitura linear, sugerindo ser o diálogo desse leitor com o texto ainda de forma superficial.

Linear ou não, superficial ou não, as contrapalavras do leitor por meio da paráfrase, em nossa compreensão, se tornam necessárias no momento da leitura em que o acadêmico lê com o intuito de estudar com o objetivo de aprender e apreender. Por meio dessa prática leitora o estudante vai se constituindo leitor, pois ao parafrasear uma frase ou um trecho do texto, o anotador na realidade está retendo o assunto na memória na forma de escrita que parece legitimar o conhecimento.

Durante o processo de leitura, as contrapalavras registradas pelo leitor anotador têm funções e sentidos múltiplos: aprender, compreender, apreender, memorizar, lembrar, localizar, enfim, são atitudes de um leitor que lê com o objetivo de adquirir conhecimento científico, e assim fazendo, está na tentativa de participar de uma comunidade discursiva que mostra pelo registro sua maneira de ler e agir diante das teorias sugeridas pela academia. Suas contrapalavras são um grito silencioso que o denuncia pelo visual: os registros que, mesmo aleatórios, sem prévia elaboração, o insere em uma comunidade discursiva. Isso denota um leitor que não está à margem da cultura da leitura e da escrita.

Desse modo, o diálogo do anotador com o texto pode até se dar na superfície do texto, mas podemos deduzir que, com essa prática, o leitor anotador de nosso estudo está em fase de construção/desenvolvimento/constituição na qualidade de leitor aprendiz, sendo esta uma prática de leitura que se desenvolverá no decorrer de toda sua vida e que essa pode ser uma forma gradual de apropriação, compreensão, apreciação e apreensão do conhecimento. Toda essa dinâmica intelectual nos leva a compreender que esse leitor realiza dois movimentos de leitura: do texto de outrem propriamente dito e o texto de sua autoria: as anotações.

O leitor em qualquer instância leitora pode e precisa ser motivado a produzir anotações que vão além da superfície textual. Nossa pesquisa tem muito a contribuir socialmente quando o leitor for incentivado a anotar seja nas margens do livro, seja em blocos de papel. O importante é que ele ultrapasse a esfera da superficialidade e passe a produzir anotações em forma de imersão

textual, por exemplo, comentários críticos a respeito do que lê. Essa prática é ainda tímida, mas perfeitamente possível.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 a _____ . **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 1997 b.
- BEZERRA, G. B. **Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte**. In.: Anais do Evento PG Letras 30 Anos, Vol. I (1): 381-396, 2006.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 2003.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.
- _____. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- _____. **Da história da cultura impressa à história cultural do impresso**. In: Diálogos midiológicos 11, DRBCC no. 1, págs 81 a 102, 2005. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/1085/986>>, Acesso em: 23 jun. 2014.
- MANGUEL, **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.
- MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas**. São Paulo: Atlas S. A., 2006.
- MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- RIBEIRO, A. E. **As margens da página no texto impresso e no texto digital: espaços virgens ou reservas especiais?** In.: I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial, UFMG, Nov. 2004.
- ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004